

AS CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS PROPORCIONADAS PELO CORAL DA ESCOLA SEVERINO FARIAS NA VIDA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL PARTICIPANTES DO GRUPO.

Avaci Duda Xavier¹

Universidade Federal de Pernambuco – avacix@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho trata das contribuições sociais proporcionadas por um coral na vida de alunos com deficiência visual. De modo concreto, a pesquisa centrou-se na inclusão social como ferramenta capaz de proporcionar cidadania às pessoas com deficiência visual. O objetivo principal foi identificar as contribuições sociais alcançadas por pessoas cegas que participam do coral da escola Severino Farias na cidade de Surubim. Realizamos entrevistas seguindo a metodologia da história de vida, bem como uma ampla pesquisa bibliográfica com autores que defendem a inclusão. Os resultados mostraram que a pessoa com deficiência visual ao participar de um grupo artístico, e vivenciar a inclusão no seu dia a dia, tem as mesmas possibilidades de aprendizagem que um indivíduo vidente. À luz dos resultados obtidos, concluímos que a inclusão social da pessoa cega é muito importante para a socialização desses indivíduos, de modo que essa atividade extracurricular pode se tornar uma importante ferramenta pedagógica capaz de agregar conhecimento, lazer e cultura aos seus participantes.

Palavras-chave: Deficiência visual, Estigmas, Inclusão, Socialização.

¹ Graduando em Educação Física – Universidade Federal de Pernambuco. Professor de História da Secretária de Educação de Pernambuco. Especialista em Direitos Humanos e Fundamentos da Educação. Mestrando em Educação.

INTRODUÇÃO

“Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
(Gonzaguinha)

Embalados por uma canção, abrimos as cortinas do teatro da vida, imersos a tantos problemas, tantos dissabores esquecemos que precisamos “Viver e não ter a vergonha de ser feliz”. Na labuta do dia a dia, quase não sobra tempo para sentirmos o sabor que tem a vida. A música nos aproxima do sagrado e aguça nossa sensibilidade. É preciso viver e ser feliz. Vida e música caminham entrelaçadas na construção da nossa sensibilidade.

A música nos leva ao encontro com a arte, e esse contato aflora a construção da subjetividade humana, bem como da personalidade das pessoas. Segundo Oliveira e Reily (2014) a figura do “músico cego” faz parte do imaginário social desde a antiguidade, atravessando tempos e espaços. Nesse contexto entendemos que a arte sensibiliza e não é um acontecimento isolado, distante e indiferente à vida. Ela é, reflete e recria a própria vida seja de uma pessoa com ou sem deficiência.

Então, poderíamos dizer que as pessoas comuns fazem arte, estudam, aprendem, ensinam, tem uma vida “normal”. Ao fazer arte as pessoas emocionam-se, ao mesmo tempo em que, emocionam a plateia. Tomando como referência Reily (2008), no seu estudo de representações de cegueira na história da arte, percebemos que o argumento que embasa o mito da habilidade musical das pessoas cegas é o de que a ausência do sentido da visão aumentaria a sensibilidade auditiva, facilitando assim a aprendizagem da música para a pessoa cega. Nesse contexto, entendemos que:

Desenvolver-se como músico afirma a validade do *conceito de compensação* da perda visual. Esta é a ideia que alinhava todas as obras encontradas que abordam a temática do músico cego: quem não enxerga, verá com outros olhos, os olhos de dentro. Para quem perdeu a visão, a audição será seu caminho de luz. (REILY, 2008, p. 260-261).

Dessa forma, podemos dizer que uma pessoa cega não deve ser vista como alguém incapaz para a aprendizagem, conforme o fragmento apresentado acima, pois a falta de um sentido é compensada por outro. Infelizmente o que se perpetua em nosso meio são as “barreiras” impostas à pessoa com deficiência.



O presente trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado que teve como objetivo identificar as contribuições sociais proporcionadas por um coral a quatro pessoas com deficiência visual.

Escolhemos trabalhar com essa temática por acreditar que a educação inclusiva tem grande importância na consolidação de uma sociedade mais humana. Ao dialogar com a obra de Maria Tereza Égler Mantoan, uma das defensoras da inclusão na escola, entendemos, que “A inclusão é uma provocação, cuja intenção é melhorar a qualidade do ensino das escolas, atingindo a todos que fracassem em suas salas de aula” (MANTOAN, 2006, p. 16). A escola ao se fazer inclusiva, deve, juntamente com os seus atores, conscientizar-se do relevante papel que passa a assumir dentro de uma sociedade que infelizmente ainda exclui.

Para a realização desse estudo fizemos entrevistas com participantes do Coral da Escola Severino Farias (alunos com deficiência visual), a fim de conhecer a história de vida das pessoas com deficiência que fazem parte do grupo. Entrevistamos ainda as mães das quatro pessoas cegas que foram o nosso objeto de estudo. Optamos nesta pesquisa por depoimentos orais temáticos (história de vida²), por esta ser uma modalidade da história oral. Segundo Fonseca:

Embutido na História Oficial há o silêncio do pobre, do negro, da mulher e principalmente dos excluídos da escola [...]. A História Oral possibilita desvelar a retaguarda dessas referidas seleções e relato dos fatos oficialmente eleitos, fazendo emergir o subjacente, o subjetivo, o oculto, o obscuro que também “fizeram” história, portanto são legítimos e por isso merecem vir à tona, dando maior concretude à História. (FONSECA, 2000, pp. 155-156)

A História oral tem sido uma das formas de pesquisa mais realizadas no gênero, e trata-se da narrativa do conjunto de experiência de vida de uma ou mais pessoas. Há tempos as histórias de vida têm chamado a atenção de pessoas preocupadas em entender a sociedade e seus feitos pessoais.

Com o decorrer do nosso estudo, fomos aos poucos constatando a relevância do trabalho desenvolvido dentro da escola estudada no tocante a inclusão social da pessoa cega por meio da música (coral). As contribuições sociais proporcionadas aos deficientes visuais integrantes do grupo foram diversas, conforme destacaremos mais a frente.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

² A história de vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa. A história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou.



Falar de inclusão é quebrar paradigmas, pois, em pleno século XXI, muitas pessoas ainda não acordaram para a necessidade de dialogar e estudar esse tema. Peter Mittler, afirma que:

A Inclusão diz respeito a cada pessoa ser capaz de ter oportunidades de escolha e de autodeterminação. Em educação, isso significa ouvir e valorizar o que a criança tem a dizer, independentemente de sua idade ou de rótulos. (MITTER, 2003, p. 17)

Para que a inclusão aconteça de fato não podemos rotular pessoas. Dessa forma, se faz importante viver em uma sociedade onde todos tenham as mesmas oportunidades e sejam tratados nas suas diferenças. Nesse contexto, apropriamo-nos das palavras de Boaventura de Souza Santos quando ele afirma:

[...] temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (SANTOS, 2003, p. 56)

Infelizmente, ao longo da história, quem apresentava alguma deficiência física ficava excluído da convivência em sociedade. Um exemplo eram as civilizações clássicas da Grécia e da Roma antiga, nessas, existiam uma grande valorização de um corpo perfeito. Dessa forma, nessas sociedades, selecionavam-se quem deveria viver e quem deveria morrer.

Na cidade de Esparta, as crianças nascidas com algum tipo de deficiência eram abandonadas nas montanhas ou então mortas. Segundo Gaio (2004) em Roma, as crianças com deficiência eram jogadas nos rios, pois eram associadas à imagem do diabo, a atos de feitiçaria ou castigo para pagar pecados antigos, não devendo, portanto, ter direito à vida. Essa forma equivocada de tratar as pessoas com deficiência ainda é vista em muitos lugares, porém, em uma sociedade tida como civilizada devemos deixar para trás antigos estigmas que nos envergonham para vivermos, de fato, em um mundo em que a realidade seja a inclusão, a alteridade e o respeito a todos os seres humanos. Nesse aspecto dialogamos com Gil quando ele aponta que:

A Escola Inclusiva respeita e valoriza todos os alunos, cada um com a sua característica individual e é a base da Sociedade para Todos, que acolhe todos os cidadãos e se modifica, para garantir que os direitos de todos sejam respeitados (GIL, 2005, p. 16).

Esse papel quando é assumido de fato pela escola, pode reverberar na formação de pessoas melhores que poderão disseminar ideias e principalmente atitudes mais humanas. No livro Estigma: notas sobre





a manipulação da identidade deteriorada, Erving Goffman nos propõem o entendimento sobre o que seriam os estigmas impostos para com as pessoas com deficiência:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1963, p.5)

Ao falarmos de educação inclusiva nos dias de hoje, fica evidente que esse olhar dos antigos era extremamente preconceituoso e não se sustenta mais nos nossos dias. Ropoli [et.al.] (2010) nos aponta que:

A inclusão rompe com os paradigmas que sustentam o conservadorismo das escolas, contestando os sistemas educacionais em seus fundamentos. Ela questiona a fixação de modelos ideais, a normalização de perfis específicos de alunos e a seleção dos eleitos para frequentar as escolas, produzindo, com isso, identidades e diferenças, inserção e/ou exclusão.

Entendemos que na atualidade a escola deve se reinventar, quebrando as barreiras atitudinais³ que muitas vezes são perceptíveis nos discursos de muitos atores que estão no chão da escola. O ideal seria uma educação de qualidade para todos, valorizando assim a diversidade, porém, essa educação de qualidade e para todos ainda necessita da colaboração da Educação Especial, embora esta já venha incorporada na educação regular. Diante disto Voivodic (2004, p. 37) diz que “a educação inclusiva não pode continuar a ser vista como uma utopia, mas precisa ser encarada como uma realidade possível e desejável em nossa sociedade”. Com isso, fica evidente que a diversidade social é um dos pontos de partida para entender que as pessoas mesmo sendo diferentes, podem e devem interagir entre si e com o meio onde vivem, pois a participação quando unidas contribui para a formação do indivíduo.

Ao longo do nosso estudo, à medida que fomos lendo os diversos autores, textos e conhecendo mais de perto as pessoas com deficiência participantes do coral, pudemos compreender o quanto é importante a inclusão na escola. Infelizmente, poucas escolas têm “vestido a camisa” da inclusão:

³ Atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.



A maioria das escolas ainda está longe de se tornar inclusiva. O que existe em geral são escolas que desenvolvem projetos de inclusão parcial, os quais não estão associados a mudanças de base nestas instituições e continuam a atender aos alunos com deficiência em espaços escolares semi ou totalmente segregados (classes especiais, escolas especiais). (MANTOAN, 2007, p. 45)

A educação inclusiva defende a diversidade em sala de aula, ou seja, uma escola para todos, onde as pessoas possam trafegar pelos mesmos espaços respeitando as diferenças de cada um. Para que essa educação seja de fato uma realidade é necessário que os professores estejam realmente preparados como aponta Barbosa (2006, p.48), “a educação inclusiva procura incluir todos no sistema regular de ensino, rompendo com estigmas e estereótipos, mudando atitudes e crenças, em função de uma sociedade mais igualitária”. Assim é necessário que os educadores tomem consciência das diversas deficiências existentes e principalmente saibam interagir com as pessoas que apresentam alguma deficiência, respeitando os limites e instigando o desenvolvimento dessas pessoas.

A inclusão da pessoa com deficiência no sistema regular de ensino deve permitir a expressão das diferenças e dos conflitos. Na sociedade democrática em que vivemos as relações sociais entre os indivíduos devem estar sustentadas por atividades de respeito mútuo, eliminando o preconceito entre as pessoas consideradas diferentes.

A escola inclusiva é aquela que se encontra aberta para todos os alunos, à medida que: “acolhe, educa e ensina a todos ao mesmo tempo, respeita as diferenças individuais, estimulando em especial o desenvolvimento da capacidade do aluno aprender a aprender” (BRASIL, 1999, p. 14.). Logo, no século XXI, falar em inclusão é compreender que todos têm direitos iguais, mas possuem subjetividades distintas.

Para consolidação de nossa pesquisa analisamos diversos textos que abordam a deficiência visual, bem como o processo de inclusão da pessoa cega na escola, o canto coral como prática sócio-cultural, os estigmas que trazemos em nossos corpos, a educação pelo lazer, a cultura como forma de inclusão na sociedade. Apoiando-nos na prática de uma educação cidadã, onde o princípio básico é o da educação como uma prática ético-política capaz de transformar pessoas.

À medida que o nosso trabalho foi criando corpo, fomos entendendo que para a inclusão acontecer de fato é preciso que toda a sociedade trabalhe em prol dessa causa. Na dissertação de mestrado intitulada “Música e inclusão: necessidades educacionais especiais ou necessidades profissionais especiais?”, Souza (2010) nos fala da importância do professor para a consolidação da inclusão:



O professor é concebido como uma das peças-chave para o sucesso deste novo modelo, pois é ele quem vai lidar diretamente e, em alguns casos, diariamente, com os alunos (com e sem necessidades especiais), pais e parentes. Muitas das responsabilidades de manutenção de um clima positivo no ambiente da sala através da valorização das diferenças e diminuição das atitudes preconceituosas ficarão a cargo dele. Esta responsabilidade que recai sobre ele faz com que passe a refletir sobre suas reais capacidades, seu processo de formação, sobre seus próprios preconceitos e sobre seus saberes. Não apenas do saber conhecer e fazer, mas também do saber ser, do que ele é como pessoa. (p.55)

Sabemos que o professor é peça fundamental para a efetividade da inclusão. No caso específico do coral pesquisado um dos pontos mais relevantes é a relação que o maestro conseguiu desenvolver junto ao grupo, em especial, junto às pessoas com deficiência visual, gerando dessa maneira uma empatia que facilita a troca de saberes.

O educador é sujeito essencial no processo de inclusão de alunos com deficiência. Sua postura pode ser decisiva no processo de inclusão. Freire (1996/2003/2005) aponta que os professores passam na vida dos alunos e deixam marcas, por vezes boas, por vezes tristes. Ensinar é criar possibilidades para a produção/construção de conhecimentos pelos alunos. Freire enfatiza ainda que, o educador, enquanto educa, é educado pelos alunos e, na sua formação permanente, é fundamental a reflexão sobre a prática.

Ao dialogarmos com Joly (2003) no artigo “Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos” ele nos diz que “um professor musicalmente bem preparado, precisa ter em mãos uma programação de ensino variada e flexível, que lhe permita fazer adaptações e modificações nos procedimentos planejados”. Dessa forma, ainda segundo Joly (2003), o professor precisa ser “capaz de adequar os critérios de avaliação em função das características de seus alunos e adaptar o procedimento ideal para o desenvolvimento de cada tópico de aula, fazendo com que cada situação de ensino se transforme em um degrau possível de ser transposto [...]”.

Ao conhecer o cotidiano dos deficientes visuais que participam do grupo artístico pesquisado, analisamos também como esta vivência contribui para a melhoria de suas vidas. O contato com as pessoas do grupo, bem como a percepção desses sujeitos como seres sociais, colabora para que eles percebam-se enquanto sujeitos históricos que são.

Amato (2007) no artigo “O canto coral como prática sociocultural e educativo-musical” enfatiza a importância que uma pessoa cega dá ao participar de um coral “[...] o conceito da inclusão social, como forma de melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, revela uma importância ímpar”.

Logo, a inclusão caracteriza-se na perspectiva de que todos os indivíduos pertencentes a um coral encontram-se na mesma posição de aprendizes, unindo-se na busca de objetivos comuns de realização pessoal e coletiva independente de ter ou não deficiência.

À luz de importantes teorias entendemos que a inclusão é um direito humano fundamental, por isso escolhemos falar do canto coral como ferramenta para a emancipação de alunos cegos, optamos por valorizar sujeitos que durante muito tempo estiveram à margem da sociedade. Na construção desse trabalho utilizamos como um dos procedimentos metodológicos à história de vida. Durante as entrevistas as pessoas pesquisadas falaram de suas infâncias, dos tempos de escola e do dia a dia no coral. Citando Lüdke e André (1986, p.34), a entrevista:

Permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

As entrevistas realizadas nos permitiram conhecer as histórias de vida de cada uma das pessoas pesquisadas, de modo que as falas que respondiam a nossa pergunta base foram retratadas no corpo do trabalho, favorecendo a discussão e consolidação dos nossos resultados.

CONHECENDO AS PESSOAS

O presente estudo foi realizado com a autorização da coordenação do grupo e da gestão da escola. À medida que íamos realizando cada entrevista passávamos a ter a real dimensão do trabalho que estávamos realizando. Denominamos as pessoas pesquisadas de aluno 1⁴, aluna 1⁵, aluna 2⁶, aluna 3⁷, mãe 1⁸ e mãe 2⁹.

Durante as conversas, deixamos as pessoas a vontade para responder as perguntas da forma mais natural possível. Todos os alunos cegos entrevistados, disseram que já gostavam de música, mas ao entrar no coral, passaram a ter uma nova maneira de sentir e entender a música:

⁴ Aluno com deficiência visual. É participante do coral desde agosto de 2001. É formado em gestão ambiental pelo IFPE EaD.

⁵ Aluna com deficiência visual. É participante do coral desde agosto de 2001. É irmã do aluno 1 e também é formada em gestão ambiental pelo IFPE EaD.

⁶ Aluna com deficiência visual. É prima do aluno 1 e da aluna 1. É graduanda em letras pela UPE EaD.

⁷ Aluna com deficiência visual. É prima do aluno 1, da aluna 1 e é irmã da aluna 2.

⁸ Mãe do aluno 1 e da aluna 1.

⁹ Mãe da aluna 2 e da aluna 3.



[..] Aprendi que toda música tem seu ritmo. Eu cantava fora de ritmo. Aprendi também a perceber quando tem uma pessoa cantando mais desafinada do que a outra. Eu reconheço logo. (Aluna 2)

A resposta acima, nos possibilita compreender a mudança adquirida pela aluna após ter entrado no coral. Fica visível também o olhar crítico com que ela passou a perceber a música. Com falas como a apresentada acima, pudemos entender que a participação em um coral pode contribuir de forma marcante na vida de uma pessoa, lhes oportunizando novos conhecimentos.

Ao perguntarmos sobre que espaço o coral ocupa em suas vidas e qual foi o fato que eles consideram mais marcantes em sua trajetória no coral, obtivemos as seguintes respostas:

[..] Para mim o dia mais marcante foi a apresentação de 2003 lá em Maragogi, porque diretamente realizou um grande sonho meu que era conhecer o MAR pela primeira vez. Esse sonho o coral realizou. (Aluna 3)

[..] Hoje, posso dizer que o coral significa na minha vida, uma escola. Uma escola em paralelo com a escola que frequentamos. A partir do momento que nós entramos no coral passamos a ver o desempenho de cada pessoa, sua voz, seu ritmo. O coral pra mim é como se fosse uma escola paralela. (Aluno 1)

[..] O coral na minha opinião é como uma família, uma segunda família que nós temos. Vamos conhecendo pessoas novas, umas chegam, outras saem, tem pessoas que permanecem desde o início. Amizades novas vão surgindo, aprendemos coisas novas sobre música... pra mim o coral é... é difícil dizer só com palavras... é muita coisa e ainda boa. (Aluna 2)

[..] O coral nos ajudou a superar os preconceitos e outras coisas mais. (Aluna 3)

[..] Para mim participar do coral é muito bom. ((risos)) O coral não é somente uma forma de integração, é também uma forma de superar barreiras, de mostrar que é possível a gente participar. Basta haver interesse e fazer as adaptações necessárias. (Aluna 1)

As falas citadas acima, nos fazem perceber o quanto o citado grupo artístico é importante para cada um dos integrantes do coral. A fala da aluna 3 é um exemplo pois aponta que além da inclusão social, a participação deles no coral colabora na concretização de sonhos, como conhecer o mar, algo simples, mas que para a aluna em questão teve uma grande importância.

Ao questioná-los sobre quais foram as contribuições sociais proporcionadas pelo coral para suas vidas eles disseram:

[..] Participar do coral nos trouxe algumas contribuições. [...] o reconhecimento das pessoas. Passamos a ser conhecidos como músicos. Quando chegamos em algum lugar o



peçoal diz: “aquele rapaz estudou no estadual e participa do coral”. O coral e a escola nos tiraram do anonimato. (Aluno1)

[..] Posso dizer que minha vida teve mudanças depois do coral. Pude conhecer novos lugares. Conhecer novas pessoas, me integrar no mundo da música, e conseqüentemente pude realizar outro sonho que foi aprender flauta, espero agora aprender clarinete que é outro instrumento que eu comecei a gostar. (Aluna 3)

Posso dizer que a vida delas mudou muito e a minha também, porque antes do coral nós ficávamos o tempo todo dentro de casa. Depois do coral nós passamos a conhecer o mundo lá fora. [...] Elas passaram a ser conhecidas pela parte musical também. (Mãe 2)

Cada fala citada acima, nos faz perceber o quanto as vidas dessas pessoas foram, aos poucos, sendo modificadas ao participar desse grupo artístico. Dessa maneira, entendemos que a inclusão de cada um deles no grupo teve um papel transformador, quebrando as diversas barreiras¹⁰ que ainda existe na efetivação da inclusão.

O coral da Escola Severino Farias foi fundado no início de 2001. As quatro pessoas com deficiência visual entrevistadas nesse estudo continuam participando do grupo desde a sua fundação.

DISCUTINDO OS RESULTADOS

As transformações...

O Coral trouxe transformações evidenciadas nas falas dos alunos, tais como:

Aluna 3: “Pude conhecer novos lugares. Conhecer pessoas, me integrar no mundo da música.”

Constatamos também que o Coral possibilitou transformações muito significativas em suas vidas, como foi expresso nessa fala:

Aluna 3: “... quebrou algumas barreiras de que a pessoa com deficiência também pode realizar uma atividade artística, como por exemplo, cantar em um coral.”

Nas relações interpessoais, a significação do Coral foi evidenciada nas falas dos alunos, como:

Aluna 2: “O coral é parte de mim. Uma mistura de lazer com aprendizado.”

O papel da música na transformação das vidas dos alunos com deficiência visual

¹⁰ qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.



A música evidenciou-se como um caminho muito significativo na vida dos deficientes visuais. Observamos essa força da música nas falas abaixo:

Mãe 2: “Depois do coral, nós passamos a conhecer o mundo lá fora [...]. Elas passaram a ser reconhecidas pela parte musical também.”

Aluna 1: “... o coral me ensinou a ser mais humana, a apreciar a musicalidade com os ouvidos.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa, passamos a conhecer e, principalmente, reconhecer a importância da inclusão, pois nos nossos dias já não podemos admitir a segregação das pessoas, tendo em vista que vivemos em um mundo plural em que a diversidade deve ser a marca de uma sociedade que busca uma educação para todos. A pessoa com deficiência deve ser educada na escola regular porque este é o local mais adequado para o processo de socialização.

Os estudos de Mantoan têm ratificado a importância de uma escola para todos quando ela diz que: “Toda criança precisa da escola para aprender e não para marcar passo ou ser segregada em classes especiais e atendimentos à parte.” Entendemos que a inclusão pode ser uma maneira positiva de emancipar a pessoa com deficiência de um mundo de isolamento. Tomando como referência as pessoas pesquisadas compreendemos que a maior contribuição social que o coral lhes oportunizou foi a construção de amizades e a troca de saberes, de experiências em diversos âmbitos (intelectual, afetivo, social, entre outros). Entendemos que a falta da visão não impede que eles façam amigos e/ou façam parte da sociedade, inclusive desfrutando de atividades de lazer e cultura. Nesse aspecto podemos afirmar que o coral pesquisado lhes proporciona muitas contribuições sociais, uma vez que o citado grupo se tornou uma extensão de suas vidas sendo o principal responsável pelos momentos de cultura e lazer que essas pessoas têm na sua vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

AMATO, Rita Fucci. **O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical**. Opus, Goiânia, v. 13, n. I, p. 75-96, jun, 2007.

BARBOSA, Vera Lúcia Barbosa. **Por uma educação inclusiva**. João Pessoa: Manufatura, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra – Coleção Leitura, 1996.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FONSECA, Nelma Marçal Lacerda. “**A história oral no museu da escola de Minas Gerais: relato sobre o caminho percorrido**”. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.) Arquivos e novas tecnologias. Campinas, Autores Associados, 2000.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob (orgs.). **Caminhos pedagógicos da educação especial**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2004.

GIL, Marta. **Deficiência visual. Cadernos da TV Escola**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação a distância, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

JOLY, Ilza Zenker Leme. **Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos**. Universidade Federal de São Carlos, 2003.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Moderna, 1986.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Igualdade e Diferenças na Escola – Como andar no fio da navalha**. Revista Educação. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 55 – 64, Jan./Abr, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006, 64p.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Educação Inclusiva - orientações pedagógicas**. In: FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANJOTA, Luísa de Marillac P.; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Atendimento educacional especializado: aspectos legais e orientações pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MITLLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Trad. Windyz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, Leonardo Augusto Cardoso. REILY, Lucia Helena. **Relatos de Músicos Cegos: Subsídios para o Ensino de Música para Alunos com Deficiência Visual**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 3, p. 405-420, Jul.-Set., 2014. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000300007>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.

REILY, Lúcia. **Músicos cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na história da arte**. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 28, n. 75, p. 245-266, 2008.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial. Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “**Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**”. In: _____. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

SOUZA, Catarina Shin Lima. **Música e inclusão: necessidades educacionais especiais ou necessidades profissionais especiais?** (Dissertação de Mestrado em Música) - Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2010.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de down.** 2º ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

